

Currículo Escolar na Educação no campo

Maria das Graças Souza de Oliveira¹;

Luciana Ferreira².

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar – sob o ponto de vista do currículo escolar – a importância da produção da horta comunitária na educação no campo. O currículo escolar constitui instrumento significativo, utilizado por diferentes sociedades, tanto para desenvolver os processos de conservação, transformação e renovação dos conhecimentos acumulados, como para socializar as crianças e jovens, construindo com eles os valores tidos como desejáveis para cada uma destas sociedades. Desta forma, quando o currículo escolar envolve a educação no campo, pode-se afirmar que ainda há muito a ser analisado e discutido a fim de enriquecer as análises até hoje trabalhadas sobre este tema.

Palavras-chave: horta escolar, currículo-escolar, educação no campo, transformação social

A experiência científica e cultural da horta escolar

Este artigo é um relato de algumas experiências desenvolvidas na Escola Municipal Alessandra Mancin do município de Boa Esperança, Paraná. Nesta cidade atuo como professora nas esferas municipal e estadual procurando extrair destas instituições tudo que possa me servir de inspiração para passar para outros grupos envolvidos com a educação.

¹ Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de XXX, e-mail: tal.

² Educador Orientador, UFPR Litoral.

Uma das experiências mais interessantes que aconteceu nesta escola, e que relato neste texto, foi à produção de uma horta comunitária. O projeto da horta teve início porque senti a necessidade de mostrar um pouco da vida do povo do campo, para os alunos da zona urbana – enfatizando que, nossa escola não é uma escola rural, mas, muitos de nossos alunos são camponeses. A horta teve início em março de 2010 – e continua a ser cuidada e utilizada até hoje. O projeto envolveu e envolve muitas pessoas, não só da escola como do município. O espaço que deu origem a horta, era antes um local pouco utilizado pela escola.

Pode-se dizer que um conjunto de fatores produziu este local, entre eles o mutirão de pessoas interessadas e a necessidade de fazer com que todos os alunos entendessem o que ela significa e com isso entendessem a força da terra e do homem da terra. Participaram desta experiência a diretoria da escola, a equipe pedagógica, o corpo docente, alunos, zeladores, guardas. Também participaram agricultores pais de alunos – que, inclusive muito colaboraram com o desenvolvimento deste projeto. Houve, são claro, muitas dificuldades, dentre elas a falta de sementes e mudas e equipamentos necessários para adubar o solo. Os problemas foram sendo paulatinamente resolvidos com a ajuda de todos. Sítios vizinhos à região da escola doaram mudas, pais agricultores cederam seus saberes e assim, através da força da união e da disponibilidade de todos os envolvidos, conseguimos implantar o projeto da horta escolar. A horta produz alface, repolho, couve, entre outros legumes e verduras, que são utilizadas pela escola, na produção da merenda dos alunos.

A implantação dessa horta fez com que todos os participantes entendessem a importância da terra e de seus frutos, mas, mais do que isso, fez com que todos aprendessem a respeitar a cultura camponesa e o árduo trabalho do homem do campo, o qual é de suma importância para todos os outros homens.

Por outro lado, fez com que, nós professores, começássemos a discutir a importância de ter inserido no currículo escolar a implantação e continuidade do projeto da horta, uma vez que ele nos dá, também, a possibilidade do trabalho

interdisciplinar. No decorrer do projeto horta comunitária foi realizado o resgate da cultura das famílias da zona rural, seus costumes, sua forma braçal de plantio, fogão à lenha, músicas de roda de viola, entre outros aspectos da cultura campesina. Na escola, durante a implantação projeto da horta, os alunos do ensino fundamental e também do ensino médio trabalharam muito com as questões científicas e culturais ligadas ao tema. Aproveitaram as aulas de diversas disciplinas, principalmente de ciências, para trabalhar, aproveitando cada momento, até mesmo os intervalos – alguns alunos se entregaram tanto ao projeto que não paravam nem mesmo para lanchar.

Todos nós aprendemos sobre muitas coisas. Desde as sementes, até o solo, irrigação, tipos de adubos – e, por outro lado, aprendemos também sobre os saberes culturais ligados a terra – das músicas à dança, instrumentos, roupas, etc. Desta forma, as práticas educativas se uniram às teorias – repassando de forma prazerosa o conhecimento para os alunos e todos da escola.

Planejando o processo de ensino-aprendizagem

Conforme foi dito acima, depois que o projeto da horta foi realizado na escola, todos perceberam a importância de trabalhar com algo que reunisse todos os seus membros e acima de tudo, causasse curiosidade, prazer, união e interdisciplinaridade. Com a horta, conseguimos tudo isso e muito mais, conseguimos trazer os pais para a escola, trabalhar questões de cidadania e de respeito ao próximo e trabalhar com as questões culturais do povo campesino.

Já se sabe, há muito, que o processo ensino-aprendizagem deve ser realizado a partir de um plano pedagógico e administrativo muito bem elaborado. Assim, deve haver uma unidade escolar, que explicita a concepção pedagógica que a escola acredita e a contextualização social, econômica, política e cultural da escola, assim como seus objetivos educacionais, sua estrutura curricular, diretrizes metodológicas gerais, estrutura organizacional e administrativa.

Segundo Willians (2011), planejar um processo de ensino, acrescentando a educação no campo no currículo deve ser um trabalho coletivo, expressando os posicionamentos e a prática dos professores. Devem-se expressar os propósitos dos educadores empenhados numa tarefa comum. A expressão campo e não meio rural tem como objetivo de incluir lutas sociais, culturais que hoje tentam garantir uma educação de igualdade sem preconceitos e distinções voltadas com a formação humana partindo da própria história de vida já trazidas do campo.

O resgate cultural da memória e da compreensão do sentido da história de cada um não é apenas um resgate de significados, mas como algo a ser cultivado e produzido. O problema posto quando se projeta tal entendimento para a política de educação escolar, é o de afastar a escola da temática rural. A retomada de seu passado e a compreensão do presente tendo em vista o direito ao futuro ao qual existem milhões de brasileiros de varia parte rural, com desejos de ser incluídos.

Como diz Arroio (1996), o ponto forte dessa perspectiva é propor a adaptação de um modelo único de educação aos que se encontram fora do lugar, como se não existisse um movimento social, cultural e identitário que afirma o direito ao trabalho, à dignidade, à cultura e à educação. É necessário rever os currículos e agregar conteúdos que permeiem o conhecimento escolar num todo. A escola é um contexto socializado, gerador de atitudes. A ensinar no que diz respeito ao aluno do campo requer um posicionamento claro e consciente sobre o que e como ensinar. Assim é necessária uma prática educativa constante, coerente e sistemática, em que os valores e atitudes almejados sejam expressos no relacionamento com assuntos que abordem a vida no campo e na cidade – é importante salientar e entender as diferenças no modo de vida buscando sempre o resgate e a valorização da cultura seja ela qual for, neste caso, especificamente, a cultura rural.

Currículos: Questões atuais

O currículo é hoje constituído como alvo privilegiado da atenção de autoridades políticos, professores e especialistas. Especificamente, sobre a educação no campo, a reflexão crítica sobre as práticas aplicadas dentro do contexto escolar tem como objetivos fundamentais além do aprendizado, a socialização dentro da escola. Isto exige um currículo que tenha como meta programar medidas que auxiliem ao aluno do campo entender sua origem, trazer conhecimentos adquiridos na zona rural e para assim prepará-lo para o mercado de trabalho. Ou seja, o desenvolvimento das novas gerações do campo.

Quando se fala em prepará-lo para vida, tem-se em mente o desenvolvimento para a cidadania e a preparação para a vida social – a escola também tem o dever de preparar seus alunos para os dilemas da vida em sociedade. De acordo com Gomes (2000), a educação nas sociedades primitivas acontecia, de modo geral, por meio da socialização em atividades cotidianas entre os membros da comunidade. Todavia com as mudanças ocorridas na sociedade, seguidas de uma diversificação de funções e tarefas em família, o grupo de iguais, os centros e as vilas rurais juntos no trabalho e desenvolvimento escolar (Gomes, 2000, p.13).

É também importante citar o uso do “currículo oculto”, ou seja, tudo aquilo que é realizado nas escolas, mas que não está explicitado de forma oficial no desenvolvimento das propostas educativas realizadas pela escola. Ou seja, é tudo aquilo que é vivenciado pelo aluno na dinâmica das relações interpessoais, bem como tudo que se refere ao desenvolvimento e a criação por parte do aluno no seu dia-a-dia e que se reflete no contexto escolar e que oferece resultados positivos para o ambiente escolar.

A Escola, o currículo e a horta

Os professores muitas vezes vêem o planejamento como uma atividade puramente burocrática e vazia de sentido. É preciso mudar essa concepção. É preciso recuperar o verdadeiro significado do “planejar” nas escolas. O planejamento é, em última análise, um instrumento imprescindível em sua importância por ser um ato decisório, político, científico e técnico, conforme explica Luckesi (1994).

Com a necessidade hoje constada de se ter uma escola voltada também para a sociedade, a escola do campo deve entender a importância de acrescentar, no currículo escolar, conteúdos que transformem seus conceitos principalmente quanto a si mesmos, tem que procurar transformações nas condições objetivas de trabalho para o professor que atua no campo, e inserir em seu dia-a-dia a realidade das famílias que vivem fora do contexto escolar urbano como, por exemplo, a realização da horta comunitária, que pode e deve ser realizada durante o ano letivo.

Neste sentido, deve também cuidar com atenção dos planos de aula, afinal estes, compreendem outro nível de planejamento curricular – um nível mais específico e diretamente ligado à prática diária das escolas. Na verdade, o plano de aula consiste em uma das atividades mais importantes do trabalho docente, pois é nesse momento que se inicia o processo de transposição didática do currículo escolar para a rotina escolar, isto é, são adequados os conteúdos às condições de sua transmissão para que se tenha uma boa assimilação do aluno.

Conterás (1991), ressalta a importância dos professores assumirem um currículo não como uma solução estabelecida, mas sim como um espaço de busca e experimentação que tem como objetivo achar soluções satisfatórias para a aprendizagem.

Pudemos, com base nesta teoria, rever e avaliar o processo da horta em nossa escola – ele foi de fundamental importância para a integração dos alunos e professores e para reavaliar a importância do homem do campo e de seu trabalho. É

importante frisar que, apesar de não ser nossa escola uma escola rural ela atende muitos alunos provindos do campo.

As práticas educativas e o resgate cultural

As práticas educativas são essenciais para o resgate cultural dentro das escolas. Planejar um processo de ensino acrescentando a educação no campo no currículo deve ser um trabalho coletivo, expressando os posicionamentos e a prática dos professores. O resgate cultural da memória e da compreensão do sentido da história de cada um não é apenas um resgate de significados, mas como algo a ser cultivado e produzido. O problema posto quando se projeta tal entendimento para a política de educação escolar, é o de afastar a escola da temática rural. A retomada de seu passado e a compreensão do presente tendo em vista o direito ao futuro ao qual existem milhões de brasileiros de várias partes rurais, com desejos de serem incluídos. A ensinar no que diz respeito ao aluno do campo requer um posicionamento claro e consciente sobre o que e como ensinar. Assim é necessário uma prática educativa constante, coerente e sistemática, em que os valores e atitudes almejados sejam expressos no relacionamento com assuntos que abordem a vida no campo e na cidade, as diferenças no modo de vida buscando sempre o resgate e a valorização da cultura rural.

Desta forma, o educador deve estar plenamente consciente da tendência pedagógica que influencia a sua prática para que possa refletir sobre o referencial teórico que lhe serve de suporte, atribuindo um caráter de reflexão, ação à mesma. Sendo assim do mesmo modo que o currículo, a didática e a avaliação, as ações supervisoras, também adquiram nuances próprias, de acordo com o cenário educacional. Dependendo da tendência, a práxis educativa da realidade pode assumir diferentes enfoques.

Libâneo e outros educadores da década de 1980 propuseram, por exemplo, a valorização dos conteúdos e dos currículos que dizem respeito ao saber

sistemizado, ou seja, a utilização de conteúdos vivos, concretos e inseridos na realidade. Não basta que os conteúdos sejam ensinados, é preciso que tenham significação humana e social

As escolas mudam constantemente, isto é, não são instituições estáticas. Dessa forma, vai se consolidando o conceito de desenvolvimento institucional, uma série de ações que envolvem basicamente o planejamento acompanhamento de avaliação. Assim sugere-se a inclusão da educação no campo do currículo escolar, sugerindo assim novos desafios que tem como objetivo aproximar alunos trazidos do campo com os alunos da zona urbana – essa mudança é um processo progressivo resultado de ações conjuntas.

Educação no campo: Projeto Pedagógico e currículo

A possibilidade de refletir criticamente sobre a prática educativa traz a consciência de que esta trajetória deve se desenvolver num projeto específico – que faz parte, mais amplamente, de um projeto social que deve envolver e agregar também as culturas do povo do campo. Ou seja, assumir uma nova prática educativa voltada pra o real atendimento das necessidades brasileiras, de suas camadas populares. Os educadores devem ter isso como compromisso que contem em si a preocupação com os problemas, inquietações e aspirações do povo do campo.

Acredita-se que um trabalho coletivo é algo a ser conquistado a médio e longo prazo e exige a disponibilidade de cada envolvido, no processo de querer crescer, mudar, transformar, ou seja, participar de um projeto que cria uma nova escola, uma nova sociedade envolvendo e agregando conceitos e diferenças que existem na vida e também na vida do campo.

Podemos citar agora, a horta comunitária dentro desse contexto. Este projeto um dia havia sido um sonho e hoje é uma realidade. Nossos alunos camponeses se viram contemplados neste projeto. E trouxeram muitas experiências para os outros

alunos da escola. Trouxeram conhecimentos sobre plantio, sobre cultura campesina e tinham muita vontade de participar de um projeto que falasse sobre a sua rotina diária. Hoje, o resultado de todo este empenho, contribui para a escola em forma de alimento, mas também em forma de conhecimento. Qualidades que extrapolaram a meta inicial – que seria apenas o repasse de conteúdo.

Considerações Finais

Um projeto como este, que envolve muitas pessoas e saberes foge sempre do nosso controle. Ainda bem. Pois estes são projetos que “tem vida própria” e sendo assim, liga-se à nossa vida resultando em novos saberes, conquistas, aprendizados, lutas, amizades, enfim, somente em coisas muito boas.

Se por um lado todos ganham com projetos desenvolvidos dentro da escola, por outro lado, é possível dizer que a própria escola ganha com os mesmos projetos. Neste caso, é possível concluir que, durante o desenvolvimento do projeto a escola ganhou muito. Nossa reflexão passou a ser a da necessidade da implantação das questões da educação no campo no currículo escolar. Esta possibilidade favoreceria em muito a agregar conhecimentos de muito valor para o futuro da educação e também como forma de inserir o aluno campesino no ambiente escolar – sendo que este aluno, assim como todos os outros tem direito a uma educação voltada para sua realidade e cultura.

Ficou claro, para todos nós, que participamos da produção da horta escolar que, a união e a força da coletividade só reforçam a tese de que juntos podemos mudar a realidade de todos – várias famílias, alunos, corpo docente e discente, pessoal técnico da escola.

A horta favoreceu e ampliou os laços de amizade. A horta reforçou a merenda escolar, contribuindo para uma alimentação de qualidade. A horta nos ajudou a conhecer como vive as famílias da zona rural, suas origens, seus costumes, resgatando um pouco a cultura existente mas por muitos, infelizmente, esquecida...

Por fim, foi fácil, perceber, que a inclusão da educação no campo dentro do currículo escolar só vem acrescentar conteúdos produtivos de grande importância para professores e educandos – é necessário uma formação detalhada e um trabalho de muito respeito com informações trazidas de fontes seguras e capacitadas para assim desenvolver na teoria e na prática projetos e trocas de experiências de muito valor para o campo da educação atual.

REFERÊNCIAS

- SILVA, TOMAZ TADEU** (A resenha livro. A cidade e seus patrimônios (editora autentica) 1996 P.114)
- WILLIAMS, STAINBACK** (Ed (. Artmed) um guia para educadores, livros infantis 2001 P. 250)
- LUCKESI Cipriano**, (editoras vozes, Filosofia da educação 1994, P.183)
- PIAGET PAUL, JEAN-ed. Globo/EDUSP**, A linguagem e o pensamento na criança (1923.p.304) Relação escola família.
- BENAVENTE, A. COSTA, Ed.ISCTE E ED. Fim do mundo- (1990, P.24)** Princípios e métodos de supervisão e orientação educacional.
- LIBÂNEO, JOSÉ CARLOS -(Ed. Ática, 1985, P.70)** Tendências pedagógicas crítico-social.
- MARQUES OSORIO, M. (1993, P.104)** Paradigmas básicas do saber.
- ELOIZA OLIVEIRA – MIRIAN GRINSPUM**, IESDE (Ed. DP &A, 2001.p.102)
- MARQUES OSÓRIO MÁRIO**, A formação do profissional da educação (Ed. Unijui, 1993.p.126)
- CORRÊA- ROSA LYDIA**, Cultura e diversidade (Ed. IBPEX, 2008, p. 99)
- EDITORAS VOZES V.29 Propostas e práticas pedagógicas**. Por uma educação no campo. (2010.p.24)
- GOMES, A, I, P As funções sociais das escolas. (Ed. Universidade/UFRGS, 2000, P.13)**

SILVA TADEU TOMAZ; Documentos de identidade, uma introdução as teorias do currículo (Ed. Autentica, 1992, P.13)

BICA Gabriela Schenato, SILVA, ROCHA Cristiane; HOELLER, CÁSSIA Silvana. A educação do campo na compreensão de educadores do Programa de Formação de Educadores – Pro jovem Saberes da Terra no Paraná. Brasília, 2010.

SILVA, ROCHA Cristiane; HOELLER, CÁSSIA Silvana. Concepções de aprendizagem e desenvolvimento da educação do campo. In: PAGLIA, Edmilson Cezar, et al. Práticas pedagógicas em educação do campo. Matinhos: UFPR Litoral, 2009.